

FÉ x RAZÃO: Em busca de fundamentos para re-significação religiosa

Adriani Milli Rodrigues

Mestrando em Teologia (UNASP) e em Ciências da Religião (UMESP)
Professor de Estudos em Religião do Unasp
Centro Universitário Adventista de São Paulo
Campus Engenheiro Coelho
adriani.milli@unasp.edu.br

Resumo: Como tentativa de superação da crise de sentido que caracterizou a Idade Média tardia, Erasmo e Lutero – que representaram, respectivamente, as correntes do Humanismo Renascentista e da Reforma Protestante – formularam propostas de re-significação religiosa a partir de uma tentativa de fundamentação. Enquanto Erasmo indicou a razão como fundamento para a religião, Lutero afirmou o papel da fé. Suas tentativas indicam a importância de uma religião que seja relevante para os seus dias, mas também apontam para o perigo de uma proposta não fundamentada plenamente nas Escrituras.

Palavras-chave: Fé, Razão, Humanismo, Reforma Protestante, Religião.

Faith vs. Reason: In a Quest for Fundamentals for a Religious Re-Signification

Abstract: As an effort to overcome the crisis of meaning that characterized the Late Middle Age, Erasmus and Luther—representatives, respectively, of the Renaissance's Humanism and of the Protestant Reform—formulated proposals for re-signification of Religion from the perspective of its foundation. While Erasmus indicated Reason as the foundation of Religion, Luther affirmed the role of Faith. Their efforts indicate the importance of a Religion that was relevant for their time, but they point out also for the danger of a proposal that is not fully established in the Scriptures.

Keywords: Faith, Reason, Humanism, Protestant Reform, Religion.



1. Introdução

A Idade Média tardia caracterizou-se como um período de crise. Catástrofes climáticas, problemas agrícolas, fome coletiva, doenças e pestes, tensões políticas e sociais, bem como inúmeras outras dificuldades matizavam um quadro europeu sombrio que destacava a presença impetuosa da morte. O medo e ansiedade provocados por tal conjuntura eram ainda agravados pela crise de credibilidade e autoridade daquela que poderia, em meio ao sofrimento, oferecer sentido e refúgio para a angústia humana: a Igreja. A corrupção moral, econômica e religiosa exibida por várias autoridades eclesásticas colocava em dúvida a pretensa segurança que esta instituição religiosa proporcionava. Assim, “a principal crise da era medieval-tardia era uma crise de valores”.¹

Em uma sociedade que não concebia um mundo sem Deus, a reação de diversos movimentos e indivíduos insatisfeitos com tal situação, não foi a tentativa de abandono da religião, visto ser ela o fundamento da vida medieval, mas de re-significação da prática religiosa. Assim, a busca de reestruturação dos valores que estavam em processo de erosão, visava a retomada de um sentimento de segurança para a vida humana, que estava bastante ameaçada por este ambiente de extrema ansiedade.

A efervescência dessas várias correntes reformatórias precursoras contribuiu para o surgimento de dois grandes movimentos, que foram fundamentais para a superação da Idade Média européia: o Humanismo Renascentista e a Reforma Protestante. Frente à crise de valores, cada um deles procurou prover fundamentos que oferecessem perspectivas para a vida, e esperança quanto ao futuro. Dentre os principais expoentes desses respectivos movimentos, destacam-se os nomes de Erasmo de Roterdã e Martinho Lutero. Enquanto o humanista apostava nas virtudes da razão humana (sem desprezar a ação divina), as bases do reformador eram constituídas pela fé em Deus. Razão e Fé, portanto, eram os fundamentos propostos como resposta à crise. Inicialmente, eles pareciam convergir, dando a

¹ Carter Lindberg, *As reformas na Europa*, São Leopoldo, RS: Sinodal, 2001, p. 57.



impressão de que poderiam ajudar-se mutuamente. Entretanto, os desdobramentos históricos demonstraram que estes eram caminhos bem distintos, principalmente no que se refere a um conceito chave para a superação da crise: a liberdade humana.

Dessa forma, o presente estudo pretende delinear estas respectivas propostas, à luz de seus pressupostos básicos e suas implicações últimas, a partir de uma contextualização histórica. Assim, as considerações finais esboçarão brevemente a relativa importância e possíveis perigos desse tipo de iniciativa para os dias atuais.

2. Caminhos que se dividem

O humanismo renascentista certamente forneceu o combustível básico para o avanço da Reforma. O estímulo à redescoberta dos “tesouros” do pensamento e das produções clássicas, impulsionou Erasmo em sua publicação do Novo Testamento grego (1516). Sem dúvida este texto foi fundamental para a exegese dos reformadores, que podiam comparar as características da Igreja do Novo Testamento com a decadente realidade da Igreja de seu tempo.

Ademais, anteriormente (c. 1509), Erasmo havia escrito uma de suas sátiras mais famosas - *Elogio da Loucura* - que representava uma impiedosa crítica, dentre outras, às autoridades eclesásticas e à decadente religiosidade de sua época. Nesta obra estavam delineadas as principais críticas que os reformadores fariam à Igreja.

Dessa forma, inicialmente, Erasmo e Lutero nutriam uma simpatia mútua. No verão de 1518, Erasmo escreveu ao reitor da faculdade de Erfurt, onde Lutero havia estudado, e enfatizou que este “tem dito muitas coisas excelentemente boas”.² No ano seguinte, por iniciativa de Lutero, eles se corresponderam. Enquanto Lutero demonstrou humilde consideração, Erasmo amigavelmente recomendou-lhe moderação, visto que o humanista não se agradava da crescente agressividade de sua abordagem e de suas idéias.

² James Froude, *Life and Letters of Erasmus*, London: Longmans Green and Co., 1894, p. 169.



A convergência das críticas à corrupção e o desejo de reforma religiosa, acrescida por tal simpatia e proximidade provocou a suspeita de que Erasmo estava apoiando o movimento de Lutero, levando muitos a pensarem que ele “pôs o ovo que Lutero chocou”. Assim, Erasmo passou a ser informado de todos os lados que, se ele quisesse acabar com tais suspeitas, seria necessário escrever um texto contra Lutero. Por sua vez, foi-lhe sugerido o tema que representava a grande discordância entre eles: a liberdade da vontade humana.³ A preparação do material seria inevitável, considerando que, à semelhança da “maioria dos humanistas do renascimento, Erasmo não levou o projeto de reforma do cristianismo para além do catolicismo”.⁴

Quando Lutero tomou conhecimento de que este livro estava em fase de preparação, mandou-lhe uma carta, em 15 de abril de 1524, rogando que Erasmo - se não quisesse participar da reforma - continuasse neutro neste conflito e não escrevesse contra ele. Mas isso não trouxe resultado. Em setembro de 1524, na feira de Frankfurt, ocorreu a primeira publicação de *De Libero Arbitrio*⁵ (Do livre arbítrio). Esta obra alude diretamente à compreensão antropológica luterana em suas *Asserções*⁶, muito embora ela apareça também em outros de seus escritos⁷ anteriores a 1524. Nestes documentos Lutero nega a força da vontade humana para decidir ou avançar em direção ao bem. Assim, em dezembro de 1525, Lutero publicou sua resposta aos argumentos de Erasmo em sua obra *De Servo Arbitrio*⁸ (Do servo arbítrio). Conquanto este debate não tenha atingido as massas, ficando mais restrito ao ambiente acadêmico, tais textos indicam duas grandes compreensões da liberdade humana, em direta relação com seus respectivos fundamentos que supostamente possibilitariam a restauração da cristandade do início século do XVI.

³ Roland Bainton, *Erasmus da cristandade*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, [1969?], p. 221.

⁴ João Moraes, Erasmo e Lutero: Teologia e Reforma do Cristianismo, *Primeira Versão*, Campinas, n. 81, p. 1-40, mar. 1999, p. 8.

⁵ Traduzido para o inglês sob o título “On the Freedom of the Will”.

⁶ Escritas após a disputa teológica em Leipzig, corrida nos meses de junho e julho de 1519, entre o João Eck (defensor da Igreja Católica) e André Karlsdt (colega de Lutero).

⁷ Debate sobre teologia escolástica (1517), O Debate de Heidelberg (1518) e os Comentários sobre as teses debatidas em Leipzig (1519).

⁸ Traduzido para o português sob o título “Da vontade Católica”.



3. A proposta de Erasmo: a liberdade humana baseada na Razão

Erasmo viveu no ambiente das grandes cidades, envolvido com pessoas de elevada posição acadêmica e política. Por isso, certamente ele tinha subsídios para pensar um mundo diferente. Sua leitura acerca da crise de valores de seus dias focalizava, principalmente, a corrupção eclesiástica e a conseqüente imoralidade presente na sociedade. Ele critica os papas, cardeais e bispos por se preocuparem apenas com honrarias e ganhos financeiros.⁹ Por sua vez, os monges - que não dispensam o vinho e as mulheres - são retratados como “cabeças encapuzadas que, com vãs devoções, com cerimônias ridículas [...] exercem sobre o povo uma particular tirania”.¹⁰

O reflexo dessas práticas na sociedade não poderia ser diferente: uma religiosidade que não passava de uma farsa. Enquanto uns confiavam em sinais de devoção exteriores, outros pensavam que uma simples moeda na bandeja poderia purificá-los dos falsos juramentos, impurezas, bebedeiras, brigas, assassinios, traições e todos os outros delitos. Todavia, Erasmo analisa tal situação comentando que “não basta oferecer uma pequena moeda para obter perdões e indulgências: é preciso, ainda, odiar o mal, chorar, velar, rezar, jejuar, numa palavra, mudar de vida, praticando constantemente o Evangelho.”¹¹

Dessa forma, de acordo com o humanismo da renascença, Erasmo defendia uma religião que não se limitasse a práticas exteriores, mas que a partir do interior promovesse ações éticas e humanizadoras que resultariam num mundo melhor. Estariam desqualificados para essa tarefa, portanto, o misticismo e a escolástica. O primeiro por constituir uma religiosidade interior individualizada que não proporcionava humanização, e a última por lidar apenas com postulados racionais que na aridez de suas discussões não representavam nenhuma contribuição substancial para a sociedade.

⁹ Erasmo de Rotterdam. *Elogio da loucura*, São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 119.

¹⁰ Erasmo de Rotterdam. *Elogio da loucura*, p. 114.

¹¹ Erasmo de Rotterdam. *Elogio da loucura*, p. 70.



Logo, a chave para a transformação da religião e da sociedade estaria na restauração da liberdade, que permitiria ao homem, através da razão, transformar o mundo de acordo com suas necessidades. Tema central do humanismo renascentista, essa liberdade se opunha à estrutura medieval hierárquica - sustentada pela Igreja, pelo Império e também pelo sistema feudalista - na qual as pessoas e suas idéias eram insignificantes.

Como aporte deste ideal, Erasmo encontrava subsídios em argumentos teológicos oferecidos pela “preciosa” herança patrística clássica. Entre eles, o humanista destaca a noção de que existem certas sementes de virtude, divinamente implantadas na mente dos homens pelas quais eles, de algum modo, vêm e buscam a virtude.¹² Ao distinguir o valor da razão, em realidade, ele afirma a dimensão da nobreza humana como imagem e semelhança de Deus, conforme defendida pela tradição da Igreja de Roma, na qual o livre arbítrio é entendido como “vontade racional que participa da dignidade da imagem que o homem possui de Deus.”¹³ É claro que aqui não há uma visão otimista extremada da humanidade, pois existe o reconhecimento teológico da realidade do pecado original e a conseqüente corrupção da raça humana, bem como da necessidade da graça divina em favor do ser humano caído. Entretanto, a perversão ocasionada pela queda não é plena. Existem ainda importantes vestígios da imagem divina situados na razão humana. Assim, a graça se expressa como assistência divina ao empenho e decisão da vontade do homem.¹⁴

Neste caso, a visão erasmiana era fortemente desafiada por Lutero. Para ele, a afirmação de um ser humano livre e capaz colocava em dúvida a soberania de Deus - em seu poder e sua vontade - e a noção de total dependência humana de sua graça. Contudo, Erasmo não estava muito preocupado com o conceito de soberania divina. Sua religião não se baseava no dogma teológico - que para ele cheirava à escolástica - mas na ética e na moral. Dessa forma, ele compreendia

¹² Desiderius Erasmus of Rotterdam, On the Freedom of the Will. In: RUPP, E. Gordon (Org.). *Luther and Erasmus: Free will and salvation*. Philadelphia: The Westminster Press, [1969?], p. 76.

¹³ Sidnei Nascimento, Erasmo e Lutero: o livre arbítrio da vontade humana. *Revista de Filosofia*, Curitiba, v. 18, n. 23, p. 89-103, jul./dez. 2006, p. 96

¹⁴ Desiderius Erasmus of Rotterdam, On the Freedom of the Will, p. 73.



Deus, essencialmente, como amor e sabedoria, permitindo a liberdade humana mesmo que isso afetasse seu absoluto poder ou vontade.¹⁵ O foco humanista estava num Deus bondoso “que auxilia o ser humano a avançar, sempre deixando-o agir como ser livre.”¹⁶

Outro ponto de divergência entre o Erasmo e Lutero era a maneira pela qual a reforma idealizada seria implementada. O humanista não concebia atitudes agressivas que levassem ao rompimento com a Igreja. Sua estratégia trilhava um outro caminho: a tentativa de reforma deveria ser perspicaz e inteligente. Ao invés da abordagem ríspida, as ferramentas a serem utilizadas constituíam uma linguagem sutil e irônica junto aos mais cultos. Aliás, a discórdia entre cristãos, brigas e revoltas seriam incoerentes com os princípios da ética religiosa que se baseiam no amor e na paz. Assim, Erasmo não pensava em uma revolução popular, mas numa sábia reflexão que tivesse crescente influência sobre os círculos da nobreza e da elite acadêmica.¹⁷

Ademais, o humanista ratificava o sistema teológico-religioso vigente em sua época, que por tantos anos fora mantido pela Igreja: o sistema meritório. Em realidade, Erasmo o considerava fundamental para o reconhecimento da dignidade humana, visto que o sistema pressupunha a liberdade e a capacidade humana de avançar em direção ao bem. O que o humanista buscava não era uma reinvenção do sistema, mas uma correta vivência nele. Por isso, a proposta luterana de supressão de qualquer noção de mérito humano - em razão de sua total atribuição a Deus e sua graça - era totalmente rejeitada. Na perspectiva erasmiana, tal proposição abriria uma grande janela à impiedade, pois tornaria o homem irresponsável pelos seus próprios atos.¹⁸

Portanto, para Erasmo uma verdadeira reforma deveria promover a moral da sociedade, e por isso deveria fundamentar-se na afirmação da liberdade e da capacidade racional do homem em promover um mundo melhor. Entretanto, sua implementação não deveria ser incompatível com sua proposta ética: nada de

¹⁵ João Moraes, Erasmo e Lutero: Teologia e Reforma do Cristianismo, p. 25.

¹⁶ Marc Lienhard, *Martim Lutero: tempo, vida, mensagem*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1998, 142.

¹⁷ Desiderius Erasmus of Rotterdam, *On the Freedom of the Will*, p. 39-41.

¹⁸ Desiderius Erasmus of Rotterdam, *On the Freedom of the Will*, p. 41-42.



agitações ou revoltas populares. O caminho a ser usado era a própria razão: sábia influência sobre os sábios.

4. A proposta de Lutero: a liberdade humana submetida à Fé

Ao contrário de Erasmo, o ambiente de Lutero era o mosteiro, um contexto camponês do interior. Como teólogo suas atenções se voltavam para os assuntos ligados à salvação humana. Tendo em vista a crise de valores de sua época, seu movimento reformador não se deu, em primeira instância, a partir do sentimento de indignação frente a imoralidade e corrupção do papado renascentista. Suas mais profundas raízes se encontravam na ansiedade pessoal referente à salvação.¹⁹

O marcante colapso econômico-social aliado às doenças e catástrofes imprimia na mente popular a iminência da morte. Por isso, a Igreja procurou minimizar a ansiedade do povo através da proposição de inúmeras práticas que livrariam as pessoas do inferno. Em consonância com a noção econômico-capitalista que despontava, este sistema meritório colocava o destino futuro nas mãos do próprio indivíduo. Dessa forma, o povo era instado a agradar a Deus, agindo da melhor forma possível. Tal empenho seria premiado pela graça divina, que capacitaria as pessoas para ações ainda melhores. Logo, a matemática da salvação era expressa pela fórmula "*quid pro quid* ["isto por aquilo", "toma lá, dá cá"] que refletia a nova mentalidade de livro-caixa do burguês".²⁰ Um cálculo baseado na recompensa.

Contudo, ironicamente, esse sistema só aumentava a insegurança. Como o indivíduo teria certeza que fez o melhor que podia? Como saberia se seus atos realmente agradaram a Deus? Seu empenho foi suficiente? A resposta para esses questionamentos avolumava ainda mais a ansiedade: "tente fazer ainda melhor".²¹ Certamente a pressão desse ciclo trazia ao penitente um peso insuportável, produzindo no povo um insaciável apetite religioso que buscava incessantemente a

¹⁹ Carter Lindberg, *As reformas na Europa*, p. 81.

²⁰ Carter Lindberg, *As reformas na Europa*, p. 78.

²¹ Carter Lindberg, *As reformas na Europa*, p. 81-82.



obtenção de méritos, o que certamente contribuía para o sucesso financeiro da venda de indulgências.

A entrada de Lutero na vida monástica representava um reflexo dessa busca por segurança. Mas mesmo ali, em meio aos seus infundáveis exercícios espirituais – orações, vigílias, jejuns e outros – que visavam alcançar o favor divino, sua consciência continuava perturbada. Entretanto, as incansáveis tentativas de superação da ansiedade, provocada pela crise de valores, encontraram solução. Através do estudo da Bíblia (principalmente a partir da antropologia paulina) e da influência das idéias agostinianas, a noção de justiça alcançada pela fé levou Lutero a virar “a piedade medieval de cabeça para baixo. Ele passou a ver que a salvação não é o objetivo da vida, mas sim seu fundamento.”²² Dessa forma, a angústia e crise humana não seriam vencidas pelo esforço em busca de mérito, a segurança só poderia ser alcançada pela certeza da aceitação divina independente das ações praticadas. A teologia da Reforma, portanto, foi uma resposta específica à ansiedade da época, que foi redefinida à luz de uma nova certeza.²³

Ao tirar a responsabilidade da salvação dos ombros humanos e colocá-la nas mãos de Deus, Lutero redescobriu o sentido de sua existência. A vida não era mais agora uma aflita procura por aceitação divina, a certeza de já ser aceito proporcionava tranquilidade e paz interior. Contudo, a implicação básica de seu novo conceito era a anulação da liberdade e decisão humana, visto que para Lutero ela impede a absoluta liberdade de decisão e poder da vontade divina: a “onipotência e presciência de Deus abolem completamente o dogma do livre arbítrio.”²⁴

Por isso, a imagem escolhida por ele para ilustrar a vontade humana foi a de um jumento: este quer e anda de acordo com a vontade de seu montador, seja Deus ou Satanás. Entretanto, “não está em seu arbítrio correr para um dos dois cavaleiros ou procurá-lo; antes, os próprios cavaleiros lutam para o obter e

²² Carter Lindberg, *As reformas na Europa*, p. 86.

²³ Timothy George, *Teologia dos reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 26, 33.

²⁴ Martinho Lutero, *Da Vontade Cativa. Obras Seleccionadas*. São Leopoldo, RS: Concórdia/Sinodal, 1993. v. 4, p. 137.



possuir.”²⁵ Assim, em termos de salvação ou condenação, o homem não possui livre arbítrio, “mas é cativo, sujeito e servo ou da vontade de Deus ou da vontade de Satanás.”²⁶

Tal noção encontrou direta oposição ao primado erasmiano da razão e da liberdade. A compreensão antropológica luterana pressupõe a depravação total do homem que não pode fazer nada para sua salvação. Nesse contexto a liberdade está totalmente corrompida e cativa de Satanás, ao passo que a razão tornou-se “prostitua do diabo”.²⁷ É a decisão e a vontade única de Deus que pode reverter este quadro, fazendo pelo homem aquilo que não pode ser feito por si mesmo.

Todavia, este pensamento foi duramente criticado por Erasmo. Ele apontou, entre outras, duas implicações principais. A primeira tem que ver com a pretensa decisão de salvação unicamente divina (predestinação)²⁸, enquanto que a segunda esboça os seus reflexos na sociedade (ação irresponsável)²⁹.

Assim, quanto ao primeiro ponto, se é Deus quem decide a salvação do ser humano, ele escolhe uns para salvação e outros para a condenação, independentemente da atitude humana. Isso pressupõe arbitrariedade. Não há como enxergar um Deus amoroso nesse contexto.

Contudo, Lutero não procurou escapar da doutrina da predestinação absoluta. Tanto é que o corolário de sua idéia era a defesa de que a morte de Cristo não trazia expiação universal para os seres humanos, sendo limitada aos eleitos por Deus. Ao passo que Erasmo pedia a Lutero que deixasse “Deus ser bom”, Lutero replicava: “deixe Deus ser Deus.”³⁰ Tendo em vista os inescrutáveis juízos de Deus e a limitação e perversão da mente humana, não é possível entender os caminhos de Deus, mas isso não significa que ele seja injusto. Esta ação divina é aceita pela fé, não há como a razão esquadrinhá-la.³¹

²⁵ Martinho Lutero, *Da Vontade Cativa*, p. 49.

²⁶ Martinho Lutero, *Da Vontade Cativa*, p. 51.

²⁷ Timothy George, *Teologia dos reformadores*, p. 77.

²⁸ Desiderius Erasmus of Rotterdam, *On the Freedom of the Will*, p. 88.

²⁹ Desiderius Erasmus of Rotterdam, *On the Freedom of the Will*, p. 41-42.

³⁰ Timothy George, *Teologia dos reformadores*, p. 78.

³¹ Martinho Lutero, *Da Vontade Cativa*, p. 47.



Esta própria aceitação da fé confere tranquilidade ao cristão em possíveis momentos de angústia provocada pela dúvida de pertencer ou não ao grupo dos eleitos. Lutero aconselha que, nesses casos, o aflito deve clamar: “Saia daqui, maldito diabo! Você está tentando fazer com que eu me preocupe comigo mesmo. Deus declara em todos os lugares que eu devo deixá-lo tomar conta de mim”.³²

Dessa forma, a noção de que o fundamento da fé possibilita ao indivíduo não se preocupar com sua própria situação - pois ele está nas mãos do soberano Deus - também provê a resposta luterana para o segundo questionamento de Erasmo. Na visão do humanista, dizer que o homem é um instrumento da ação de Deus ou do diabo, tira qualquer responsabilidade moral ou ética do ser humano, levando as pessoas a justificarem suas ações impiedosas.

Entretanto, a perspectiva de Lutero aponta para outra direção. A certeza da salvação, pela fé em Deus, torna o cristão “senhor livre sobre todas as coisas e não está sujeito a ninguém”.³³ Em outras palavras, a sua salvação já está garantida. Ele não necessita de ações que o tornem agradável a Deus. Por isso, nenhuma coisa ou pessoa pode lhe causar qualquer dano para a salvação. A fé o coloca acima delas.

Mas tal certeza não produz pessoas ociosas ou acomodadas. De forma paradoxal, ela torna o cristão “um servo prestativo em todas as coisas e está sujeito a todos.”³⁴ Ou seja, como este não necessita de qualquer obra para ser aceito por Deus - visto que isto já é uma realidade -, todas as suas ações serão feitas com o único objetivo de servir aos outros. Não existe aqui nenhuma preocupação consigo mesmo. Portanto, nesse caso, as “obras têm a única finalidade de servir livremente a seu próximo em amor.”³⁵

O que Lutero busca demonstrar, então, é que a noção de liberdade humana baseada na razão, à luz do modelo meritório, converte as obras em verdadeiros atos de egoísmo, visto que elas objetivam a salvação própria. É o fundamento da

³² Theodore Tappert, *Luther: Letters of spiritual counsel*. London: Scm Press, 1955, p. 116. Esta foi uma carta escrita no dia 30 de Abril de 1531 para Barbara Lisskirchen. Ela estava aflita pelo temor de não se encontrar entre os eleitos.

³³ Martinho Lutero, *Da Liberdade Cristã*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1998, p. 7.

³⁴ Martinho Lutero, *Da Liberdade Cristã*, p. 7.

³⁵ Martinho Lutero, *Da Liberdade Cristã*, p. 40.



fé que possibilita o homem a agir livremente em favor do próximo com o amor genuíno, que se preocupa apenas com o outro. Dessa forma, embora Lutero negue qualquer tipo de liberdade humana que avance em direção à salvação, através do fundamento da fé o cristão desfruta de liberdade para agir em benefício do próximo.

5. Considerações Finais

As respectivas propostas de superação da crise de valores no contexto medieval certamente buscavam oferecer uma vida religiosa válida que promovesse um relacionamento adequado com Deus e com o semelhante. Entretanto, elas demonstraram sérias restrições.

Quanto à proposta erasmiana, as limitações envolvem dois aspectos principais: a identidade do cristianismo e seus resultados práticos. Em primeiro lugar, o fato de Erasmo pensar religião prioritariamente como elemento promotor de moralidade e coesão social trouxe sérias implicações para a identidade cristã. Seria o cristianismo apenas um princípio ético? Isso não representaria um enfoque reducionista da religião? Pode o cristianismo ser resumido apenas ao amor e a fraternidade?

Este primeiro fator ajudou a determinar o fracasso prático da proposta erasmiana. Sua noção fraterna de reforma sem ruptura, sua revolução racional sem envolvimento popular não conseguiu atingir resultados concretos. Seu movimento não triunfou. Ele teve de contemplar os efeitos práticos da Reforma Protestante que promoveu ruptura e contou também com o apoio popular.

Por sua vez, a proposta luterana contou com uma curiosa incoerência interna. Sua tentativa de se livrar da angústia provocada pelo sistema meritório trouxe, efetivamente, alívio necessário para sua experiência religiosa. Enquanto Erasmo rompeu com a hierarquia da sociedade medieval mas manteve o sistema meritório, Lutero, por conseguinte, rompeu com o sistema meritório mas manteve a idéia de hierarquia medieval expressa na figura espiritual do soberano/vassalo (Deus/homem), mesmo que re-significada. Assim, a soberania divina representou seu conforto, por não precisar ser mais responsável pela sua própria salvação.



Contudo, este novo modelo não constituiu um sistema que anula a ansiedade. Se no modelo meritório a angústia era provocada pela incerteza de ter alcançado o favor divino, nesta nova compreensão a angústia é causada pela dúvida de ter sido eleito por Deus. O subterfúgio “não se preocupe consigo mesmo, deixe isso com Deus” baseado na fé, pode ser análogo à evasiva “faça melhor ainda” fundamentado na liberdade e capacidade racional humana.

Essas iniciativas de re-significação da religiosidade promovem uma reflexão útil para a religião e teologia atual. Em primeiro lugar, num aspecto positivo, a despeito de suas limitações, as propostas de Erasmo e Lutero expressaram importantes reações à crise da época. Eles buscavam intencionalmente uma religião que fosse útil e relevante para seus dias. Contudo, num aspecto negativo, embora suas respectivas ênfases revelassem alguns elementos da verdade das Escrituras, eles permitiram que as contingências de seus dias constituíssem a principal chave de leitura teológica para a elaboração de suas propostas. Certamente o fracasso ou incoerência de Erasmo e Lutero derivou-se do fato de não utilizarem plenamente as Escrituras como real fundamento para a busca de re-significação religiosa.

Referências Bibliográficas

BAINTON, Roland H. *Erasmo da cristandade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, [1969?].

DESIDERIUS ERASMUS OF ROTTERDAM. On the Freedom of the Will. In: RUPP, E. Gordon (Org.). *Luther and Erasmus: Free will and salvation*. Philadelphia: The Westminster Press, [1969?]. p. 35-97.

ERASMO DE ROTTERDAM. *Elogio da loucura*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

FROUDE, James A. *Life and Letters of Erasmus*. London: Longmans Green and Co., 1894.

GEORGE, Timothy. *Teologia dos reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 2006.



LIENHARD, Marc. *Martim Lutero: tempo, vida, mensagem*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1998.

LINDBERG, Carter. *As reformas na Europa*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2001.

LUTERO, Martinho. *Da Liberdade Cristã*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1998.

_____. Da Vontade Cativa. In: _____. *Obras Seleccionadas*. São Leopoldo, RS: Concórdia/Sinodal, 1993. v. 4. p. 17-216.

MORAES, João Quartim de. Erasmo e Lutero: Teologia e Reforma do Cristianismo. *Primeira Versão*, Campinas, n. 81, p. 1-40, mar. 1999. [publicação voltada para circulação interna da IFCH/UNICAMP]

NASCIMENTO, Sidnei Francisco do. Erasmo e Lutero: o livre arbítrio da vontade humana. *Revista de Filosofia*, Curitiba, v. 18, n. 23, p. 89-103, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/RF?dd1=479&dd99=view>> Acesso em: 25 abr. 2008.

TAPPERT, Theodore G. *Luther: Letters of spiritual counsel*. London: Scm Press, 1955.